
O Relacionamento Masculino-Feminino e a Problemática dos Meninos e Meninas de Rua

*Solymar Correia Alves e
Ronaldo Alves Leite*

INTRODUÇÃO

O trabalho que aqui apresentamos é fruto do convívio e do ministério que temos gradativamente assumido, diante do Senhor, com meninos e meninas de rua. É, também, fruto de uma reflexão em torno da pouca literatura existente sobre o assunto.

Meninos e meninas de rua não são os vendedores de amendoim, de pipoca, os limpadores de pára-brisas nos semáforos. São, todavia, pessoas que já estão lançadas nas ruas, pessoas que perderam os laços familiares e encontram na "praça" sua casa e seu lar. Foram, como toda criança, concebidos por um casal de seres humanos, que certamente fez planos para o seu futuro. Estão "na rua" por circunstâncias que escapam ao seu controle, como frutos de uma sociedade desorganizada, regida por um capitalismo desumano, traduzido em estruturas totalitárias, autoritárias e egófstas.

Não utilizamos o termo "menor", pois ele é revestido de uma enorme carga de preconceito e discriminação.

1. O CHORO PELA VIDA E PELA MORTE

O problema dos meninos e meninas de rua, assim como o de crianças e adolescentes carentes, não é novo. Já em 1693 temos conhecimento de um documento que demonstra o interesse superficial pela proteção da infância abandonada, bem como o descaso e o desinteresse dos órgãos oficiais de então. O documento menciona a resposta do rei Dom Pedro II de Portugal a um de seus prepostos no Brasil, o qual havia escrito ao rei acerca da pouca piedade para com as crianças enjeitadas, ocorrendo muitas mortes em função do desamparo. Mesmo assim, os oficiais da Câmara não chegam a se comover, no sentido de proporcionar quem as crie.¹

1. Cf. Floro de Araujo MELO; *A história do menor no Brasil* (Editora Borsoi), p. 16.

Através de anos a luta pela dignidade e pelos direitos da criança e do adolescente tem sido caracterizada por uma completa indefinição e inconstância, exceto nos últimos anos, com as manifestações de instituições internacionais, que repercutiram diretamente na "consciência nacional".

No exterior, as crianças brasileiras recebem, depois de mortas, o mérito e a importância que jamais tiveram quando em vida na sua pátria. A fome, a prostituição juvenil, a vida e a morte, tudo isso, como comenta Herbert de Souza, "é a própria definição do nada. Não valem nada, não têm ninguém senão a si mesmas".²

Preocupação, sensibilidade e programas que na prática não são concretizados (ou que demonstram resultados tímidos e apenas remediadores) não constituem solução para a realidade brasileira. A população, mesmo de forma inconseqüente, clama por medidas realmente efetivas e transformadoras. Todavia, pelas crianças e adolescentes que estão nas ruas do Brasil, quase nada tem sido feito.

1.1 - "As infames personagens de nossa história"

Decorrente de um quadro social de completa desorganização, surgem as infames personagens de nossa história, culpadas e responsabilizadas por roubos e toda sorte de violência urbana: o menino e a menina de rua, que buscam nas ruas um lar e a satisfação de suas necessidades mais básicas e primárias. Assim, em função da sobrevivência, fazem de tudo: dormem nas marquises, engraxam sapatos, cuidam de carros, catam papéis, comem restos de comida nas calçadas, roubam, prostituem-se, drogam-se e lançam mão de qualquer expediente para sobreviver.

Diz a sabedoria popular: "chuva cai de cima para baixo", "a corda arrebenta do lado mais fraco". Aos poucos, em decorrência das dificuldades e da violência vividas no lar, crianças e adolescentes vão perdendo os laços e os sentimentos que ainda os ligam à família, fazendo da rua não só um local de trabalho, mas também de lazer e moradia, em busca daquele laço perdido. Na rua aprendem, de forma distorcida, princípios éticos e morais, pois o seu desenvolvimento ocorre dentro de seu mundo significativo.

O senso moral do indivíduo não é algo geneticamente determinado. Cada um de nós incorpora de seu mundo significativo uma série de valores através da aprendizagem social (...). O senso moral de cada indivíduo é relativo ao meio que o produziu.³

2. Cf. VIDAS em risco: *Assassinato de crianças e adolescentes no Brasil* (Rio de Janeiro: IBASE e Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, 1991), contra-capá.

3. Rosa MERVAL, *Psicologia evolutiva* (Petrópolis: Vozes, 1983), vol.3, p. 62-63.

Na somatória, pois, de nossas realidades e experiências é que formamos nosso "código moral". Assim, não se pode esperar que meninos e meninas de rua sejam diferentes do que são, diferentes do que aprendem a ser nas ruas ou nos antigos lares.

Cedo, a sociedade que forma a menina de rua lhe mostra que ela é mulher. Como tal, é violentada e usada. A primeira violência sexual é geralmente da autoria de seu pai, padrasto, ou simplesmente de um dos maridos de sua mãe.

Uma garota de 16 anos conta: "Meu pai me obrigava a fazer sexo com ele, e eu agüentava calada. Ninguém ia acreditar em mim, e minha mãe fazia de conta que não via". Outra menina de 16 anos: "Eu não presto, sou maloqueira desde que meu pai me fez mulher dele". E, ainda, uma de 14 anos: "Eu me perdi por culpa de minha mãe e de meu padrasto. Meu padrasto queria fazer mal para mim e me chamava de 'biscate' de 'puta'". Como menina-mulher ela pode ser comercializada, satisfazendo adultos desajustados e dando lucros a policiais corruptos. Rapidamente, a sociedade faz a menina-mulher compreender o seu papel, fazendo-a pagar, diariamente, alto preço pelo seu pecado: ser menina de rua que se tornou menina-mulher, menina prostituta.

À menina de rua não é dado o tempo para que descubra sua sexualidade ou para que acompanhe as transformações que ocorrem no seu corpo.

A menina aprende o que lhe foi permitido aprender, exercita o que lhe foi permitido saber, não compreende que a mesma sociedade que a acusa nunca lhe deu condição de ser diferente, pois a ela não foi dada a oportunidade de aprender e conhecer as normas da sociedade.⁴

Sendo objeto, a sua inércia, o seu não consentimento ou a sua cooperação não modificam o seu papel natural, social e anatômico: satisfazer o homem. Este, por sua vez, não se preocupa com o interesse ou a satisfação da menina de rua. Se, para a menina que tem pessoas que a orientam e a ajudam em e durante seu desenvolvimento, a vida sexual já é algo complexo e, muitas vezes, difícil de compreender e aceitar (em função da carga de ambigüidade que carrega), para a menina de rua, o sexo, quando relacionado com o adulto, é sinônimo de violência, subserviência e sobrevivência. Gilberto Dimenstein registra o depoimento de uma menina de rua: "Nós temos o corpo para vender. Nós serve a eles".⁵

Para o menino, essa luta, essa adaptação, vem sendo incentivada desde a primeira infância. Ele realiza o aprendizado do sentido de sua existência como livre movimento para o mundo. Ele compreende seu corpo como meio para o domínio. Suas brincadeiras requerem de si atividades físicas, resistência e força. A rua se

4. Ana VASCONCELOS, *SOS Meninas* (Edição Casa da Passagem, 1990), p. 36.

5. Gilberto DIMENSTEIN, *A guerra dos meninos: Assassinatos de menores no Brasil* (São Palo: Brasiliense, 5. ed.), p. 22.

lhe apresenta como um desafio a ser vencido, para assim provar sua força e virilidade. O medo deve ser escondido, assim como a angústia e a dor. O menino leva para as ruas, de forma ampliada, aquilo que apreende na sua experiência familiar. A vida e a morte passam a ser um simples e arriscado jogo.

1.2 - A descoberta da sexualidade

A descoberta da sexualidade, para os meninos, é profundamente diferente do que para as meninas, tanto do ponto de vista biológico quanto social e psicológico. A forma pela qual a sociedade encara essa descoberta é que produz a diferença essencial. Enquanto da menina é exigido mais recato e acomodação (haja vista que "já é uma mocinha"), o menino é levado ao mundo para conhecer e provar a sua sexualidade. Na rua as coisas não são diferentes. Os meninos não são vistos como objeto sexual da mesma forma como o são as meninas. A sociedade não exige, insaciavelmente, o uso da sexualidade deles, obrigando-os a serem objetos passivos dos desejos e perversões sociais.

O abuso sexual de meninas e adolescentes constitui um componente importante da socialização da mulher para submeter-se ao poder do macho. Isto não significa a inexistência de abusos sexuais de meninos. Contudo, pesquisas revelam que o percentual de meninas sexualmente vitimadas representa mais do que o dobro em relação aos meninos.⁶

Para as meninas, uma maneira de sublimar os problemas e traumas causados por sua condição sexual, pela sua vida sexual e afetiva, é o homossexualismo. O homem passa a representar algo desagradável, dominação e, muitas vezes, violência e usurpação do seu próprio ser. Na relação com outra menina, ela encontra cumplicidade. Como parceiras homólogas, elas podem se relacionar em vínculo de igualdade. Uma menina de 15 anos declarou: "As pessoas tem que vê que a gente cansa de levar porradas de homem, a gente quer ser amada. A mulher sabe entender melhor a gente".

1.3 - Entre risco e prioridade absoluta para a sociedade

Durante muito tempo, problemas sociais como meninos e meninas de rua e delinquência juvenil foram vistos como práticas criminosas, tendo sido criadas instituições corretivas e repressivas. Assim, teve início a implantação da política nacional do bem-estar do menor, representada pela FUNABEM e pelas FEBEMs, órgãos que desenvolveram um atendimento visando o controle social. O resultado de tudo isso foi que os "menores", por motivos judiciais ou assistenciais, eram e ainda são, simplesmente colocados atrás das grades ou em instituições fechadas.

6. Heleith SAFFIOTI, *Crianças vitimizadas: A síndrome do pequeno poder* (Editora Iglu), p. 18.

Atualmente, com a criação do **Estatuto da Criança e do Adolescente**, estes são considerados prioridade absoluta, embora a antiga concepção só tenha mudado em alguns setores oficiais. Ao lado disso, efetivamente, os direitos da criança e do adolescente continuam sendo renegados a último plano. Ainda não existem escolas nem hospitais suficientes. Acima de tudo, ainda são efetuadas, em larga escala, prisões injustificadas, abuso de poder, estupros etc. Nas ruas, os direitos permanecem como simples palavras, ou seja, na teoria.

1. 4 - O envolvimento com o crime organizado

Os meninos e as meninas de rua são, em muitos casos, obrigados a se envolverem com o crime organizado. Isto ocorre também porque não deixa de ser uma proposta atraente para eles, pois, aparentemente, sentem-se protegidos por adultos e policiais envolvidos com "ganges". Entretanto, quando perdem a sua utilidade são brutalmente assassinados pelos seus "protetores". É a famosa "queima de arquivos".

Há muito tempo o extermínio de meninos e meninas de rua é uma realidade no Brasil. Hélio Saboia, enquanto Secretário de Segurança do Rio de Janeiro, afirmou que "é realidade o extermínio e o envolvimento de policiais, matando ou dando proteção".⁷

1. 5 - Conseqüências do abandono

A menina de rua, abandonada física e psicologicamente pelo pai e/ou pela mãe, *sofrerá para sempre esta perda. Parte de sua vida afetiva é destruída.* A clara evidência das conseqüências deste abandono se estabelece em relação ao sentimento de maternidade que as meninas de rua possuem. Embora para algumas, a solução para uma gravidez não desejada seja o aborto, para muitas meninas a maternidade é a solução para suas vidas:

"- Pensei no suicídio, mas não tive coragem. Comecei a achar que um filho seria a solução. Queria ter um filho. Com a gravidez, comecei a me entregar ao filho que estava gerando, fiquei mais calma".

Estas mães, freqüentemente, não conseguem manter seus filhos, pois são abandonadas. Mas, mesmo diante do abandono da família, do pai da criança e da sociedade, as meninas-mães não abandonam seus filhos. Lutam pela posse e pela sobrevivência deles, demonstrando reações de amor e dedicação, ainda que não tenham recebido exemplos para que assim procedessem.

São meninas violentadas, perseguidas e usadas, meninas que aprendem a ser mulheres de grande percepção e sensibilidade; seres fortes, com um passado que as faz diferentes, singulares. São meninas que não tiveram infância, que sofreram intensa e diariamente a discriminação pelo fato de serem mulheres, por

7. Gilberto DIMENSTEIN, *op. cit.*, p. 18.

terem o intuito de construir o seu destino, por desejarem reger suas vidas, sair da opressão de seus lares.

2 - O CHORO PELO SILÊNCIO DA IGREJA

Sentimos grande silêncio na literatura teológico-pastoral acerca do assunto até aqui abordado. Não será claro sintoma de que a teologia e a igreja sempre manifestaram preocupação com os desfavorecidos mas, ao mesmo tempo, continuaram a ser reflexão e instituição que abarcam os mais favorecidos? Em muitos casos, a assim chamada "opção preferencial pelos pobres" se mostra somente como assistencialista e/ou demagógica.

A história bíblica de Abraão, Sara e Hagar, pode trazer alguma luz à situação das crianças e adolescentes de rua no Brasil.

2.1 - Abraão e sua família, conflito e abandono

Abraão, homem idoso, experiente, edificado na obediência e na fidelidade a Javé, é alvo de uma dupla expectativa: o anseio de ser pai de uma grande nação, fiel ao Deus que o havia chamado, e libertar-se da dominação e do controle dos poderes autoritários das cidades-estado.

Assim, Abraão partiu, ao lado de Ló, num êxodo libertário de obediência e fé. A longa caminhada e a espera de aproximadamente 25 anos enchem Abraão de desânimo e angústia.

Na caminhada, Sara cresce e se torna sujeito ativo de sua história, não mais uma espectadora. Sara propõe soluções, questiona e toma decisões. É nesse momento que surge, no cenário bíblico, a escrava Hagar. Sara, após a comprovação de que "havia lhe cessado o costume das mulheres", fez uso do costume e direito dos povos semi-nômades: a esposa, não conseguindo gerar filhos, tinha o dever de providenciar uma serva para servir de concubina ao marido. Este costume visava manter e/ou aumentar a população. Além disso, lembramos que este era um dever conjugal que, em alguns casos, já constava no momento da cerimônia de compromisso matrimonial. No episódio em questão, Deus havia confirmado a promessa, não sendo necessários artifícios humanos.

O conflito entre Sara e Hagar não pode ser minimizado como uma simples relação de atrito entre duas mulheres. Não encontramos apenas uma esposa estéril e uma concubina fértil. Temos, na realidade, um sério conflito entre uma mulher senhora e uma mulher escrava. As condições se tornaram desiguais e completamente desfavoráveis à segunda.

O texto bíblico não fornece detalhes específicos, embora se possa imaginar uma senhora idosa, sem condições de cumprir o principal dever conjugal, diante de uma escrava fértil, com reações de insolência e desrespeito.

Neste ambiente hostil, onde há inimizade e discriminação, é gerado e

nasce Ismael, criança desfavorecida, fruto da força da autoridade de um ser humano sobre o outro. Fruto da imposição de leis, direitos e deveres. Nasce sem afeto, sem carinho e amor. Conseqüentemente, logo após o seu nascimento é envolto em ciúmes e discórdia. A vida lhe ensina mediante duras lições. Quando era ainda criança de peito, a "rua", o deserto, fora-lhe apresentada como alternativa para fugir de sua insuportável realidade.

O seu lar não é completo. Existe um pai; todavia, este está ausente e fragilizado pela consciência de seu profundo engano. Sua mãe está envolta num misto de orgulho, menosprezo e profunda humilhação.

Ao lado disso nasce Isaque, cercado de todo carinho e aparato. Ele fora esperado com ansiedade ao longo da vida conjugal de Abraão e Sara. Ele sim é festejado. Seu nome faz rir, transmite a alegria de uma criança nascida como fruto de relação que tem como base o amor.

O texto bíblico faz menção a um momento de convívio fraterno entre os dois meio-irmãos. Brincando os dois juntos, não percebem que são diferentes aos olhos da sociedade. Brincam como quaisquer crianças, sem preconceitos, sem maldade, sem diferença de classes, com o amor que só na inocência e em Deus é encontrado. Contudo, o momento de união é fortuito. Logo o mundo desumano e carente de amor, determinado pelos padrões da sociedade adulta, separa-os. Um continua a sua vida cercado de carinho, amor e cuidado, sendo educado para ser o herdeiro da promessa. O outro encontra-se desprezado, no deserto, na rua. Sua mãe se afasta, na tentativa de não vê-lo morrer, diminuindo a dor de ver seu filho desfavorecido e na rua.

É neste cenário que Javé, mais uma vez, interfere com o objetivo de pôr as coisas em ordem. Salva a vida da criança e o promove a ser humano integral, amado, alvo de sua preocupação. Um novo pacto é firmado; desta vez, com Hagar e com a criança outrora desfavorecida.

O momento de crise vivido pela família de Abraão e Sara, assim como por Hagar e seu filho, foi oriundo de um profundo engano. Desta decisão precipitada, Ismael foi o mais atingido. Inocentemente sofreu por causa do erro dos adultos e recebeu a "rua" como seu destino e fim, o que, fatalmente, seria definitivo sem a interferência de Javé.

3 - O CHORO POR UMA NOVA GERAÇÃO

Grupos ou Igrejas locais que tentam pôr em prática o seu compromisso com os desfavorecidos ou ser instrumento da resposta de Deus vêem que suas intercessões são analisadas com estranheza. Abraão foi chamado para ser uma bênção a todos os povos da terra. Mas, por sua vez, os cristãos estão sentindo muitas dificuldades em serem bênção para os camponeses, pobres e, principalmente, para meninos e meninas de rua.

As poucas iniciativas de ação prática têm se defrontado com um problema

comum: a questão da evangelização e da ação social. Caio Fábio D'Araújo Filho coloca como irresponsabilidade a separação da evangelização e da ação social, como se ambos fossem incompatíveis. A Igreja se torna agente de "serviço e transformação histórica" na medida em que reconhece o ser humano como ser integral, sem necessidades absolutamente prioritárias. Poderão haver momentos onde uma ou algumas de suas necessidades precisarão ser tratadas com primazia, sendo isto uma questão de responsabilidade e discernimento. É importante que a igreja, mesmo em suas tímidas e isoladas ações, tenha plena consciência de que sua motivação deve ser o conhecimento da preocupação de Deus com "o bem-estar em nossa sociedade, para que a justiça, a reconciliação e a paz reinem em todos os homens".⁸

Estas ações devem ser norteadas por princípios instituídos por Deus, os quais se dirigem a toda e qualquer comunidade (a todo o corpo de Cristo), e, a partir disso, pelo esforço para que a prática da Igreja seja fruto de um real e íntegro compromisso com o Senhor da história.

O questionamento principal não é assistir ou evangelizar, mas sim, como assistir e evangelizar. Reputamos como prejudiciais os programas paternalistas que geram pessoas dependentes e, ao mesmo tempo, indisciplinadas. Como afirma Evanildo Fernandes, isto significa "preservar a criança hoje e assegurar o escravo de amanhã". Em qualquer ação cristã o ser humano deve ser visto como imagem e semelhança de Deus, sendo, em muitos casos, necessária a recomposição e reestruturação dessa imagem. A caminhada e a restauração são feitas ao longo de um caminho árduo, sendo preciso, algumas vezes, rigor e austeridade na disciplina.

CONCLUSÃO

É inadmissível continuar existindo meninos e meninas de rua, da mesma forma que toda a falta de educação, violência, uso, abuso e extermínio contra os mesmos.

Tem sido ponto falho, em programas de apoio a meninos e meninas de rua, a reeducação no âmbito da relação masculino-feminino. Este ponto falho contribui significativamente para o aumento dos conflitos adquiridos neste relacionamento, reforçando a permanência dos preconceitos e distorções já existentes.

Meninos e meninas de rua não escolhem a rua como seu lar. São jogados ao abandono da "praça" em razão de circunstâncias sócio-político-econômicas que escapam a sua possibilidade de compreensão e controle, estando eles ansiosos por uma oportunidade de mudança. Kátia, menina de rua, a este respeito afirma:

"- A rua não tem o que dá pra ninguém. Eu fico na rua, mas sofro demais.

8. Andrew KIRK, Igreja comunidade de serviço (Rio de Janeiro: Vinde), p. 9.

Brinco e me divirto, mas ninguém nunca sabe o que estou pensando. Fico pensando por que eu não tive amor. Às vezes o policial força a gente a roubar. A gente tá assim quieto e eles vêm chutar a gente. Bate porque a gente tá sem fazê nada, aí a gente vai roubar”.

A menina de rua, pelo que aqui já foi refletido, sofre muito. E, geralmente, nutre o desejo de acertar, de ser mãe diferente do que o foi sua mãe. Eis o depoimento de uma menina de 13 anos:

”- Eu agora já sei porque a minha mãe fez tanta coisa errada. Quando eu nasci ela só tinha 13 e o pai dela expulsou ela de casa, porque ela ficou grávida de mim. Eu não quero ser prostituta como minha mãe, eu não quero sofrer como ela sofre”.

Este sentimento é devido ao desencanto com a vida. Para seu próprio alívio, a menina de rua nutre a esperança de ser semente de uma geração diferente.

Urge uma resposta coerente e viva para essa desconcertante e impertinente pergunta de uma menina de rua de 12 anos de idade: “Por que a gente não nasce duas vezes? Será que não dá para nascer de novo?”. Não é possível recuperar os anos mal vividos desta criança e de tantas outras em iguais condições. Como afirma um garoto de 14 anos de idade: “Ninguém vai trazer de volta o que tiraram de minha vida”. Porém, para o seu presente e para o seu futuro a igreja deve ser modelo e agente de restauração de toda esta situação.

Quando a igreja cristã estiver disposta a se despojar da realização de grandes obras, de estudos especulativos mal interpretados, da proclamação rígida de seus dogmas, poderá provar da grande bênção de ser serva, instrumento do Senhor na (re)formação e reestruturação da imagem de Deus nesses pequenos amáveis rebeldes.